



LILIANA CRISTINA DO CARMO

**MANIFESTAÇÃO DE CULTURA POPULAR
REGIONAL: ANÁLISE DA FESTA DO CARRO
DE BOI DE MACUCO DE MINAS COMO UMA
PRÁTICA SOCIAL.**

LAVRAS-MG

2021

LILIANA CRISTINA DO CARMO

**MANIFESTAÇÃO DE CULTURA POPULAR REGIONAL: ANÁLISE
DA FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS COMO
PRÁTICA SOCIAL.**

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras, como
parte das exigências do Curso de
Administração Pública na modalidade
a distância, para a obtenção do título
de Bacharel.

Prof. Nilmar Diogo dos Reis - UFLA

Orientador

LAVRAS-MG

2021

LILIANA CRISTINA DO CARMO

**MANIFESTAÇÃO DE CULTURA POPULAR REGIONAL: ANÁLISE
DA FESTA DO CARRO DE BOI DE MACUCO DE MINAS COMO
UMA PRÁTICA SOCIAL.**

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras, como
parte das exigências do Curso de
Administração Pública na modalidade
a distância, para a obtenção do título
de Bacharel.

APROVADA em 01/12/2021

Prof. Nilmar Diogo dos Reis – UFLA

Prof. Lauri Luís Rauber - UFLA

Prof. Nilmar Diogo dos Reis - UFLA

Orientador

LAVRAS-MG

2021

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a análise da Festa do Carro de boi de Macuco de Minas enquanto prática social de cultura popular regional. O objetivo primordial foi verificar a importância da festa e seus benefícios para a comunidade local. Para tanto, foi necessário fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto buscando compreender o termo cultura e sua relevância para a formação de uma sociedade e suas diversas nuances. Entender o que são práticas sociais e como estas acontecem e sua importância dentro da cultura popular. O tema deste trabalho resgata o valor de uma tradição no interior de Minas Gerais: o carro de boi. Outro ponto importante trazido pelo estudo foi a análise da festa vista sob a ótica da cultura de massa x cultura popular.

Palavras chaves: Cultura, práticas sociais, carro de boi.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carro de boi.....	46
Figura 2 – Carro de boi.....	46
Figura 3 – Festa do carro de boi de Macuco de Minas em 2021.....	51
Figura 4 – Festa do carro de boi de Macuco de Minas em 2021.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
1.1	Objetivos.....	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1	O que é cultura.....	8
2.2	Classificação dos tipos de cultura.....	17
2.2.1	Cultura erudita.....	17
2.2.2	Cultura popular.....	18
2.2.3	Cultura de massa.....	18
2.3	Indústria cultural.....	19
2.4	Cultura brasileira.....	22
2.5	As práticas sociais e suas relações com a não de cultura.....	30
2.6	Memórias resgate de cultura por meio de práticas sociais.....	34
2.7	Práticas sociais e a complexidade da cultura de Minas Gerais.....	40
2.8	Carro de boi – história.....	43
2.8.1	Origem do carro de boi.....	44
2.8.2	Conhecendo um carro de boi – suas partes.....	44
2.8.3	Uso do carro de boi.....	47
2.8.4	Carro de boi na atualidade.....	48
2.9	Festa do carro de boi de Macuco de Minas.....	49
3	METODOLOGIA.....	54
3.1	Tipos de pesquisa.....	57
3.2	Coleta e análise de dados.....	60
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

1 - INTRODUÇÃO

O tema central do meu trabalho é a análise da Festa de carro de boi de Macuco de Minas como uma forma de prática social inerente a cultura popular local.

Falar sobre cultura é entrar num mundo rico de significados. A cultura é um complexo que inclui crenças, conhecimentos, artes, moral, leis, costumes e hábitos, entre outros, adquiridos pelo homem como membro de um grupo, de uma sociedade.

A cultura é o bem mais precioso que uma sociedade pode ter, é o que diferencia uma sociedade de outra, é o que a torna única. Mas também é por meio da cultura que grupos se identificam, se reconhecem.

Outro aspecto importante da cultura que também deve ser considerado, segundo Marilena Chauí (filósofa brasileira que expressa grande preocupação com a desigualdade e exclusão sociais) é o aspecto de resistência que a permeia, principalmente quanto a cultura popular pois é graças a ela que algumas classes populares existem, resistem e sobrevivem.

Podemos entender que a cultura é aprendida de duas formas: 1) assistemática: quando se aprende com a própria convivência, seriam os costumes, hábitos; 2) sistemática: quando se aprende com instituições organizadas, nestes casos seriam as leis, o saber acadêmico. Neste trabalho vou me ater à forma assistemática, analisando uma tradição do interior de Minas Gerais que ocorre no distrito de Macuco de Minas: a Festa do carro de boi.

O carro de boi tem grande importância no Estado de Minas Gerais tendo sido utilizado nos tempos remotos como meio de transporte de produtos agrícolas, de animais de pequeno porte, de pessoas e até cortejos fúnebres.

Mesmo atualmente em várias cidades do interior o carro de boi ainda exerce um fascínio tendo em vista o seu papel significativo, quer seja como meio

de transporte, quer seja como um elemento da cultura local, sendo exposto como ornamento em propriedades rurais ou reverenciado em festas tradicionais.

Durante o decorrer das pesquisas que realizei para este trabalho pude constatar como é importante a preservação do patrimônio cultural de um grupo, principalmente quando se trata de tradições antigas, tais como a Festa do carro de boi de Macucode Minas.

Pude verificar pelas falas dos organizadores da festa que para eles ela possui uma importância ímpar. Organizam e participam da festa ativamente, tendo a oportunidade de se expressarem, mantendo viva a história e a tradição de um povo. Mas também pude perceber que é uma tradição de resistência, pois é realizada há 36 anos, persistindo e resistindo no tempo.

A partir dessas considerações destaco que o tema é relevante levando-nos a reflexões que possam contribuir para a valorização e preservação das manifestações culturais, das mais simples às mais complexas. Neste trabalho colocando em evidência a festa do carro de boi como manifestação cultural para o distrito de Macuco de Minas, busquei analisar como uma prática social pode representar tão bem uma cultura popular, sendo um exemplo de educação ambiental, enfatizando sua importância para o município objetivando formar cidadãos mais conscientes de seus bens culturais.

1.1 Objetivos

O objetivo inicial era fazer uma pesquisa de campo, antes e durante a realização da festa no ano de 2020, com entrevista dos organizadores do evento, de alguns carreiros participantes, moradores do distrito, visitantes no dia da festa, bem como dos alunos e professores da Escola Estadual de Macuco, o que não foi possível tendo em vista que não houve a realização da festa em 2020 e

as aulas presenciais do distrito estarem suspensas no ano de 2020.

Este trabalho tem como objetivo central discorrer sobre o tema cultura, seus diversos conceitos, entender como a cultura brasileira se formou ao longo dos tempos, enfatizando as práticas sociais como um vetor da cultura, considerando em especial a análise da Festa de carro de boi de Macuco de Minas como exemplo de cultura popular.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é cultura

Antes de falar sobre a festa do carro de boi de Macuco de Minas propriamente dita, sendo esta um exemplo de prática social de uma cultura popular, necessário iniciar este trabalho definindo o que é cultura.

Definir o que é cultura é uma tarefa complexa, pois ela é estudada em diversas áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, entre outras. A palavra “cultura” é utilizada em diferentes campos semânticos, substituindo outros termos como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia” (Cuche, 2002, p.203). Diariamente ouvimos falar em “cultura política”, “cultura empresarial”, “cultura agrícola”, o que nos leva a crer que ao nos referirmos ao termo, precisamos complementá-lo adjetivamente para sabermos sobre qual área estamos falando.

A diversidade semântica da palavra cultura se deve ao próprio desenvolvimento histórico do termo. A origem da palavra cultura vem do termo em latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. Até o século XVI, a palavra cultura significava “cuidado com algo”, por exemplo cuidar de animal. A partir do final do XVII a palavra cultura ganha um sentido

mais figurado designando também o esforço gasto para o desenvolvimento das faculdades humanas. É aí que aparece a ideia de cultura relacionada às obras artísticas.

Denys Cucho (2002) e Raymond Williams (2007) apontam os séculos XVIII e XIX como o período de consolidação do uso figurado da palavra cultura nos meios intelectuais e artísticos. Assim, expressões como “cultura das artes”, “cultura das letras” atestam que o termo era utilizado sempre seguido de um adjetivo para explicar qual assunto estava sendo cultivado.

No pensamento iluminista francês, a cultura representa o estado do espírito cultivado pela instrução. “A cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (Cucho, 2002, p.21), estando a palavra cultura relacionada à ideia de evolução, de educação.

Há uma diferenciação entre o estado natural do homem, um ser irracional ou selvagem, sem cultura; e a cultura que ele adquire por meio de conhecimento e instrução intelectual, obtendo assim o progresso intelectual. Embasado nesta ideia de progresso é que as comunidades primitivas poderiam evoluir culturalmente e alcançar o *status* de nações civilizadas. Esta foi a origem do pensamento de que os possuidores de cultura são os indivíduos detentores do saber formal vigente em nossa era.

Na Alemanha no século XVIII a ideia de cultura como civilização era utilizada pelos príncipes da aristocracia alemã, que estavam “preocupados demais em imitar as maneiras civilizadas da corte francesa” (Cucho, 2002, p.25). Porém ocorre uma inversão de sentido quando a burguesia, que não compartilhava o poder com os nobres, começa a criticar os hábitos cerimoniais dos príncipes alemães em contraposição com a cultura, que caracteriza, neste pensamento, o que é autêntico, profundo e que contribui

para o enriquecimento intelectual e espiritual.

De acordo com Cuche, a civilização, relacionada à nação francesa, passa a ser colocada em oposição à cultura que, entendida como uma marca distintiva da originalidade e da superioridade do povo alemão, adquire um importante papel nas discussões nacionalistas que se conformariam nos períodos históricos posteriores e que culminariam na Primeira Guerra Mundial.

Assim, na Alemanha a cultura era vista como expressão de uma consciência nacional que se questiona sobre o caráter específico do povo alemão que não conseguiu ainda a sua unificação política. Diante do poder dos Estados vizinhos, a França e a Inglaterra e em particular, a ‘nação alemã’, enfraquecida pelas divisões políticas, fragmentada em múltiplos principados, procura afirmar sua existência glorificando sua cultura (Cuche, 2002, p.27).

A evolução do significado de cultura no embate entre estes dois países deu origem a duas concepções de cultura que estão na base dos estudos das Ciências Sociais. Os franceses entendem a cultura como característica do gênero humano dando origem ao conceito universalista. Ao contrário, os alemães entendem a cultura como “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade” (Cuche, 2002, p.28) originando o conceito particularista da cultura.

O pensamento universalista da cultura foi condensado por Edward Burnett Tylor sendo este considerado o fundador da antropologia britânica, segundo Cuche (2002, p.39), Ele escreveu a primeira definição etnológica da cultura, ressaltando o caráter de aprendizado cultural em oposição à idéia de transmissão biológica:

Tomando em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (apud Laraia, 2006, p.25).

Contudo, Tylor defendia o princípio do evolucionismo, segundo o qual havia uma escala evolutiva de progresso cultural que as sociedades primitivas deveriam percorrer para chegar ao nível das sociedades civilizadas.

Franz Boas, antropólogo alemão radicado nos EUA, foi um dos pesquisadores que mais influenciaram o conceito contemporâneo de cultura na antropologia americana, sendo um contrário à concepção evolucionista. É tido como o inventor da etnografia por ter sido o primeiro antropólogo a fazer pesquisas convivendo nas sociedades primitivas. Boas chegou a conclusão que a diferença fundamental entre os grupos humanos não era de ordem racial ou determinada pelo ambiente físico, mas de ordem cultural. Defendia que os estudos dos costumes particulares de uma determinada comunidade deve se pautar no seu contexto cultural e na reconstrução de sua origem e história. O resultado desta constatação foi o reconhecimento da existência de diversas culturas, e não de uma única cultura universal.

Como há uma multiplicidade de interpretações e usos do termo cultura, adotarei neste trabalho as três concepções de entendimento da cultura, que se relaciona mais com o meu tema, sendo elas: 1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; e 3) fator de desenvolvimento humano.

Na primeira concepção, a cultura é definida como um sistema de símbolos, significados criados pelos grupos sociais. É produzida “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e

estabelecem suas rotinas”, como ressalta Isaura Botelho (2001, p.2).

Marilena Chauí alerta para a necessidade de ampliar o conceito de cultura, devendo ser visto como uma invenção coletiva de símbolos, valores, idéias e comportamentos, “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais” (1995, p.81). Para ela o patrimônio cultural imaterial tem que ser valorizado, ou seja, o modo de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular que fazem parte de cada grupo.

A segunda concepção se baseia numa visão mais restrita da cultura, refere-se às obras e práticas das artes, da atividade intelectual e do entretenimento. Esta dimensão está mais restrita a ambientes especializados e organizados. “É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (Botelho, 2001, p.2).

A produção, distribuição e consumo de bens e serviços formam um conjunto de produção cultural, o qual é tido como uma importante estratégia para o desenvolvimento das nações, vez que estas atividades contribuem para a geração de emprego e renda.

O estudo da Economia da Cultura visa entender a influência dos valores, das crenças e dos hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas. “Vista sob esse ângulo, a cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento econômico” (Reis, 2007, p.1).

Já a relação entre cultura e mercado produz dois processos diversos: amercantilização da cultura, ou seja, as atividades culturais passam a ser desenvolvidas visando à distribuição em massa gerando lucro comercial; e a culturalização da mercadoria, quando se atribui valor simbólico a objetos

do uso cotidiano, tornando-os desejos de consumo.

A terceira concepção da cultura visa ser esta um fator de desenvolvimento social. Assim, as atividades culturais são realizadas com intuítos sócio-educativos diversos: estimular atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente, mudando ou conservando determinado hábito; fomentar o sistema educacional a fim de estimular o interesse dos mais novos; auxiliar no enfrentamento de problemas sociais. Segundo Néstor Garcia Canclini, é possível ver a cultura “como parte de la socialización de las clases y los grupos en la formación de las concepciones políticas y en el estilo que la sociedad adopta en diferentes líneas de desarrollo” (1987, p.25).

Assim, podemos compreender a cultura por meio de três concepções fundamentais. Na primeira é vista sob um conceito mais amplo onde todos os indivíduos são produtores de cultura, sendo um conjunto de significados e valores dos grupos humanos. Na segunda há um protagonismo das atividades artísticas e intelectuais com foco na produção, distribuição e consumo de bens e serviços que formam o sistema da indústria cultural. Por fim, na terceira a cultura é vista como instrumento para o desenvolvimento político e social, onde o campo da cultura se confunde com o campo social.

Portanto, o termo cultura pode ser interpretado de diversas maneiras. Sendo que para alguns pesquisadores a cultura é um conjunto de elementos morais e simbólicos, enquanto para outros são práticas e produções materiais, por considerarem que cultura não pode ser reduzida a representações morais dos indivíduos que a constroem. Assim, modelos, valores, símbolos são inseparáveis de comportamentos, ações e práticas, formando, juntas configurações culturais, isso é, cultura (DUPUIS, 2008).

Para Trice e Beyer (1984), a cultura possui dois elementos básicos: substância e forma. A substância é a rede de significados contidos em

ideologias, normas e valores. A forma está relacionada com as práticas em que estes significados são expressos, afirmados e repassados para os membros do grupo. Portanto, essas práticas são manifestações concretas da cultura. Existem quatro espécies principais de formas culturais: símbolos, linguagem, narrativa e práticas (TRICE; BEYER, 1984). As formas culturais dão materialidade às ideologias organizacionais, e servem como um mecanismo de percepção pelo qual a cultura é transmitida e reforçada em um determinado grupo.

Para Dupuis (2008, p. 202), a cultura seria “constituída pela interação de elementos estruturais” como economia, administração, práticas e representações sociais que constituem as “manifestações da cultura” de um grupo social.

Esse entendimento de cultura adapta-se ao que Geertz (2009, p. 37) denomina de forma interpretativa do fenômeno, que se concentra no “significado que instituições, ações, imagens, locuções, eventos, costumes [...] têm para seus proprietários”.

Geertz (1989, p. 26), considerando que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, entende a cultura como “sendo essas teias e a sua análise, portanto, como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Ainda afirma Geertz (1989, p. 8), que “é um contexto, dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos podem ser descritos de forma inteligível”. Continuando, esse autor ressalta que “é através do fluxo do comportamento, ou mais precisamente da ação social, que as formas culturais encontram articulação”.

Nessa concepção, cultura pode ser entendida como a maneira como as pessoas e os grupos sociais se relacionam e agem, o que é ressaltado por D'Iribarne (1983), ao afirmar ser cultura um recurso para o

estabelecimento de relação e cooperação entre atores sociais. Nessa perspectiva torna-se importante identificar o conjunto de valores, estilos, formas de pensar, que se estende a uma diversidade de grupos sociais vistos e compreendidos como integrantes de uma mesma cultura ou subculturas. Isso que é explicado no sentido antropológico, ao não se falar em cultura no singular, mas em culturas, pois as leis, os valores, as crenças, as práticas e as instituições variam de uma formação social para outra(CHAUI, 1994).

De um modo geral, a noção de cultura pode ser entendida na perspectiva de memória coletiva. No entanto, como diz Ortiz (2006), a memória coletiva só existe enquanto vigente, enquanto prática que se manifesta no dia-a-dia das pessoas, essa concepção agrega, ao entendimento de cultura, movimento, a transformação e a forma dinâmica da atuação dos atores sociais no mundo.

Como dito acima, existem distintos conceitos e usos da palavra cultura na atualidade. A cultura possui caráter transversal, pois está presente em diversas áreas da vida cotidiana. Além disso, o termo é utilizado em várias áreas de conhecimento, o que amplia o leque de possibilidades de compreensão da cultura.

Uma definição aceita é a que identifica cultura com os modos de vida que caracterizam uma coletividade, onde todos os sujeitos são produtores da cultura, ou seja, um população faz cultura através de seus costumes e tradições. Não se reconhece como cultura somente o produto de conhecimento acadêmico, científico ou relacionada à área da indústria do entretenimento, da produção cultural.

Sob todos os aspectos que analisarmos o papel central que a cultura exerce na vida da sociedade contemporânea exige uma atuação efetiva dos poderes públicos através da implantação de órgãos específicos para a gestão cultural em todas as esferas (municipal, estadual e federal), e elaboração e

execução de políticas públicas.

Para tanto há que se conceituar política cultural, sendo uma boa definição a de Nestor Garcia Canclini:

El conjunto de intervenciones realizadas por el estados, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. Pero esta manera necesita ser ampliada teniendo en cuenta el carácter transnacional de los procesos simbólicos y materiales en la actualidad (2001, p.65)

Podemos separar nesta definição dois pontos fundamentais: os atores sociais que devem estar envolvidos nas políticas culturais; e os objetivos dessas políticas. Em relação aos atores, essas intervenções devem envolver os poderes públicos, as instituições civis e os grupos comunitários. A democracia cultural é uma concepção de gestão das ações para o setor que entende que a população é o alvo das políticas públicas e a maior conhecedora de suas reais necessidades. Sendo assim, a população deve compartilhar responsabilidades com o Estado em relação à elaboração e a execução das políticas públicas

Canclini ressalta que a política cultural deve orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e contribuir para transformação social. O Estado deve dar apoio às diversas manifestações clássicas, eruditas e populares; consagradas e emergentes; e reconhecer as práticas inovadoras dos movimentos sociais, comunitários, religiosos, étnicos ou de gênero. Esta concepção não é contrária a ações pontuais, como a promoção de grandes festas e eventos, mas privilegia ações com sentido contínuo. Além disso, as atividades devem preferencialmente acontecer mais próximas de onde as pessoas vivem, nos seus espaços de origem, buscando a descentralização das ações e aproximação com a população.

Portanto, a política cultural tem que ser elaborada considerando a preservação e o respeito às tradições culturais; o potencial econômico das indústrias criativas; ou o papel da cultura como fator de desenvolvimento humano. Sendo assim, estes três aspectos devem ser levados em consideração na elaboração de políticas públicas de cultura, porém ressaltando que a população deve ser o foco das ações.

2.2 Classificação dos tipos culturais

Embora a cultura tenha diversos conceitos em diversas áreas é possível estabelecer três tipos básicos de cultura, tomando-se por base a concepção restrita da palavra no que se refere mais ao ambiente artístico e estético do que a um conjunto de saberes coletivos. São eles:

2.2.1 Cultura erudita.

Utilizada como sinônimo de cultura muito desenvolvida esteticamente e de alto valor, é um termo que, quando utilizado, pode resultar em uma visão etnocêntrica. É a cultura criada por uma elite, econômica, social ou intelectual, que tenta se sobrepor aos outros tipos de cultura por meio de sua própria classificação.

Muitos elementos culturais criados pelas elites foram amplamente difundidos, sobretudo pelas elites europeias, como a música erudita barroca e clássica, a ópera, a pintura etc. Como exemplo temos a ópera o Barbeiro de Sevilha, pintura de Monalisa.

2.2.2 Cultura popular.

É a expressão cultural geral de um povo que, em muitos casos, em especial em países como o Brasil, está fora do eixo erudito, por ser uma manifestação popular criada por povos marginais, ou seja, que estão fora das elites.

Se pensarmos no Brasil e considerarmos o interior temos uma vasta e rica cultura nordestina, nortista, sertaneja e indígena e, nos centros urbanos, a cultura das periferias e favelas, as quais não se enquadram no padrão erudito, pois a nossa “erudição cultural” importou padrões essencialmente europeus. Temos como exemplos, a cultura indígena; o cordel nordestino; a música sertaneja de raiz; o samba, que foi rechaçado pela cultura erudita por ser uma expressão cultural dos negros, descendentes de escravos e favelados; o rap brasileiro e o funk carioca autêntico (o funk carioca de origem que reflete o cotidiano das favelas e comunidades, sem a interferência da indústria cultural que lhe dá nova roupagem e o massifica), que hoje passam pela mesma discriminação que o samba sofreu no início do século passado. Essas mudanças de visão demonstram que os padrões culturais e estéticos mudam ao longo do tempo.

2.2.3 Cultura de massa

A cultura de massa é diferente da cultura popular e da cultura erudita, mas pode conter elementos de ambas. A cultura de massa não é uma manifestação cultural autêntica criada por um povo ou por uma elite intelectual, mas é um produto da indústria cultural, que visa a atender as normas do mercado e fazer da cultura e da arte um negócio lucrativo, produzindo e vendendo elementos culturais como se fossem objetos que as

pessoas desejam comprar.

É o produto realizado pela indústria cultural. É o meio e o fim pelo qual se submetem as mais variadas expressões culturais a um ideal comum e homogêneo. Padroniza e homogeneiza os produtos gerando o mesmo efeito nos consumidores, os quais são induzidos a desejos e necessidades superficiais. Sintetizando a cultura de massa tem um objetivo bem claro que é venda e consumo.

2.3 Indústria Cultural.

Outro conceito de grande importância que devemos nos apropriar é o da indústria cultural. O século XX assistiu a um desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação, bem como sua rápida popularização e disseminação por todo o mundo. Ao mesmo tempo em que se dava esse desenvolvimento, muitos estudiosos viam no emprego da tecnologia nos processos de produção cultural um caminho para a democratização do conhecimento e para a emancipação do indivíduo. Porém outros estudiosos tinham uma postura mais cética acerca desse processo, entre eles, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

O objeto de estudos destes autores eram os produtos culturais que, após o desenvolvimento das técnicas modernas de reprodução, passaram a fazer parte do cotidiano de cada vez mais pessoas. O conceito desenvolvido por Adorno e Horkheimer se refere à ideia de produção em massa, comum nas fábricas e indústrias, que passou a ser adaptada à produção artística. É a concepção de fazer arte em escala industrial.

Dessa maneira, músicas, filmes, espetáculos e outras obras, são desenvolvidos sob a lógica de produção em massa. Há um pensamento dominante que passa a influenciar o modo como os artistas produzem e como

os telespectadores consomem a cultura.

A cultura passou a ser produzida e distribuída de maneira a atingir o maior número possível de pessoas, adquirindo um caráter massificador, naturalizando assim, a visão de mundo das elites. Portanto, o objetivo da indústria cultural é o lucro e manutenção do pensamento dominante. Assim, a cultura passa a ser uma massa de manobra da população, que precisa ser mantida presa na ideologia dominante. É a cultura vista como mercadoria e estratégia de controle.

A indústria cultural padroniza as expressões artísticas para que elas possam ser facilmente reproduzidas e comercializadas, gerando lucro e disseminando determinadas crenças e formas de se comportar, trata as pessoas como simples consumidores, acríticos, que são definidos a partir dos produtos consumidos.

A cultura também pode ser utilizada para legitimar determinados interesses. A lógica da articulação mercadológica entre cultura, arte e diversão passou a legitimar o modo de produção capitalista também nos momentos de lazer da classe trabalhadora, o que pode ser resumido na frase de Adorno “diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio.”

Outro pensador que deu uma contribuição importante para a compreensão da indústria cultural, foi Antonio Gramsci, por meio do conceito de hegemonia. Gramsci sempre se interessou em estudar os mecanismos da relação entre coerção e consenso no capitalismo, assim, com o conceito de hegemonia ele apresentou a ideia dos momentos em que o capitalismo se consolida não pela coerção física, mas sim pela aceitação das classes subalternas.

É por meio da hegemonia que os valores da classe dominante são elevados ao status de consenso, e neste processo a indústria cultural tem um papel importante tendo em vista que para Gramsci, assim como para Marx, a

ideologia dominante é a da classe dominante. Portanto, a ideologia dominante, no capitalismo, incorpora elementos das classes populares utilizando a indústria cultural como instrumento de manobra, incorporando conteúdos aparentemente contestadores somente para produzir o consenso nas classes subalternas em torno do poder do capital. Um exemplo clássico disso é mercantilização da figura de Che Guevara reproduzida em larga escala em camisetas, bonés, bandanas etc.

Adorno sempre teve uma visão pessimista acerca do potencial dos meios de comunicação, o que foi alvo de críticas ao longo dos tempos. É visível que com o desenvolvimento das mídias digitais e da internet a circulação de ideias ficou mais fácil, porém o pessimismo de Adorno ainda é presente e real, visto que as ideias que circulam ainda são produzidas por grandes grupos econômicos, assim, sempre que olharmos a cultura em suas diversas facetas, não podemos deixar de lado os interesses econômicos que estão movendo essa produção.

O poder econômico e político, a tecnologia e a ciência seriam empregadas para impedir que as pessoas tomassem consciência de suas condições de desigualdade. Assim, um trabalhador que em seu horário de lazer deveria ler bons livros, ir a teatros, tornando-se uma pessoa questionadora e engajada politicamente, senta-se a frente da TV para esquecer seus problemas e absorve os mesmos valores que estão presentes em sua rotina de trabalho. É desta forma que a indústria cultural exerce controle sobre a massa.

De acordo com Adorno, a indústria cultural produz hábitos e ideologias que serão comercializados e absorvidos completamente pelos indivíduos. Seguindo esse pensamento, percebe-se que a cultura popular é relegada a segundo plano para privilegiar uma cultura produzida pelo capitalismo. Por isso é tão importante o estudo de práticas culturais regionais brasileiras, como é o caso da Festa de carro de boi de Macuco de

Minas, para conhecermos e entendermos como essas culturas populares foram se formando e existem resistem atualmente.

2.4 Cultura Brasileira

Cultura nacional seriam valores, símbolos, crenças, bem como ações e práticas compartilhadas por um determinado grupo social. Em cada grupo social, diz D'Iribarne (2003, p. 328), existem formas de continuidade e de mudanças, sendo possível, com isso, uma maneira de conceituar cultura que respeite a forma daquilo que muda ou do que permanece.

A cultura brasileira tem por base um grupo social misto e complexo, formado pela mescla da cultura dos nativos, dos portugueses e posteriormente dos africanos, como escravos. Assim, falar de cultura brasileira é falar de reprodução, de continuidades e de rupturas desses modelos, levando em conta a natureza dessa cultura e de suas subculturas e suas diferenças.

Para conceituar a cultura brasileira é necessário considerar seus valores, modos de conceber e fazer as coisas, é primordial que consideremos a convergência de culturas, principalmente aquela própria da colonização ibérica, componente basilar da cultura brasileira. Essa colonização trouxe no seu seio valores como o personalismo, o aventureirismo, e uma lógica patrimonialista da sociedade, fundamentada no clã patriarcal, com a dominação, de um lado e a subordinação ou submissão, de outro (HOLANDA, 1995; FAORO, 1979; FREYRE, 1981; MOTTA *et al.*, 1997), o que contribuiu para moldar a personalidade do colonizado.

Assim, citando Holanda (1995), pode-se dizer que de Portugal “nos veio a forma atual de nossa cultura, o resto foi matéria que se sujeitou bem ou mal a essa forma”. O que é reforçado por Ortiz (2006) que, ao estudar pesquisadores da cultura brasileira, caracteriza o Brasil como um somatório de

ideias e produtos culturais vindos do exterior, sendo um espaço propício à absorção das ideias estrangeiras.

Isso possibilita entendermos alguns pontos, como por exemplo a formação da cultura brasileira ter se realizado dentro de um processo de dominação política que incluía uma capacidade de reprodução e articulação de normas e de relações sociais das elites, sem nenhuma representação da sociedade. Essa questão deixou marcas na formação mista e complexa da sociedade brasileira, criando possibilidades para o desenvolvimento de uma lógica de dependência do Estado, segundo a qual a própria sociedade exige um tratamento paternalista.

Seguindo este pensamento o Brasil aprendeu a viver com demonstrações de poder e força entre grupos sociais e políticos, aumentando, assim, o poder e a prepotência desse Estado (DAMATTA, 1997), baseada em pactos políticos e articulações de interesses, que se arrasta até hoje.

Essa sociedade brasileira constituída de uma miscelânea de raças, é o que lhe garante uma diversidade de hábitos, valores e crenças, tanto nacionais como importados, possuindo por um lado, práticas sociais, culturais e técnicas avançadas e, por outro, tradicionais e, até mesmo, arcaicas, advindas dos costumes da época colonial, como é o exemplo do carro de boi. Mas é também por meio desta complexidade cultural que o Brasil se torna uma sociedade singular.

A cultura brasileira, assim como a formação étnica do povo brasileiro, é ampla e diversa. Nossos hábitos culturais receberam influências de povos indígenas, africanos, portugueses, espanhóis, italianos e japoneses, entre outros, devido à colonização, à imigração e aos povos que já habitavam aqui. São elementos característicos da cultura brasileira a música popular, a literatura, a culinária, as festas tradicionais nacionais, como o carnaval, e as festas tradicionais locais, como a Procissão do Fogaréu em Goiás e o Festival de

Parintins no Amazonas.

A religião, como elemento cultural importante, também sofreu miscigenação, formando o que chamamos de sincretismo religioso. O sincretismo religioso brasileiro reúne elementos do candomblé, do cristianismo e das religiões indígenas, formando uma concepção religiosa plural.

Os costumes brasileiros são variados, tendo em vista esse mosaico racial. Se falarmos em termos morais, a nossa influência toma como base, principalmente, a moral judaico-cristã. O cristianismo constitui a maior influência religiosa para a formação de nosso povo, principalmente pela vertente católica, que desde a colonização se fez presente e compõe o maior grupo religioso brasileiro. Também não podemos deixar de falar da influência moral de outros povos que vieram para o Brasil por meio dos fluxos migratórios, como os africanos, japoneses, italianos.

Os elementos mais antigos da cultura verdadeiramente brasileira remontam aos povos indígenas que já habitavam o território de nosso país antes da chegada dos portugueses em 1500. Donos de uma cultura extensa, os povos nativos mantinham as suas crenças e praticavam seus elementos culturais aliados a um modo de vida simples e em contato com a natureza.

Essa cultura indígena é de suma importância, mesmo porque são os índios os nativos da terra. Atualmente há encontros indígenas pelo Brasil, nos quais a nossa cultura nativa é promovida por meio de exposições, de dança, música, vestimenta etc.

Consumimos diariamente pratos típicos indígenas, além de incorporarmos em nosso vocabulário palavras oriundas da família linguística tupi-guarani. Palavras como caju, acerola, guaraná, mandioca e açaí têm origem indígena, além do hábito alimentar que desenvolvemos comendo esses frutos e da mandioca ter nascido na cultura indígena antes da chegada dos portugueses.

Com a vinda dos portugueses e o início da colonização, a cultura

européia foi introduzida, à força, nos povos indígenas, e as missões da Companhia de vieram para o Brasil com o intuito de catequizar os índios, salvar suas almas. Neste ponto há que se ressaltar que a colonização se deu por meio de muito sofrimento dos indígenas, que tiveram sua cultura renegada, tendo que se submeter a crenças e hábitos estrangeiros.

No século XVII, devido ao grande avanço da agricultura, principalmente da cana de açúcar, os europeus começaram a trazer os negros africanos, à força, para o Brasil, como escravos. Esses, desumanamente escravizados, trouxeram consigo elementos da sua cultura e de seus hábitos, como as religiões de matriz africana, a sua culinária e seus instrumentos musicais.

Os africanos, que tanto contribuíram para a formação da nossa cultura, trouxeram para o Brasil as suas práticas religiosas expressas hoje, principalmente, pelo candomblé e pela umbanda, que mistura elementos do candomblé com o espiritismo kardecista, além do catolicismo. Também trouxeram pratos típicos de suas regiões e criaram aqui pratos com inspiração naquilo que compunha a culinária africana dos locais de onde vieram. Outro elemento cultural que herdamos dos africanos é a capoeira, praticada até os dias atuais. No Brasil o Dia de Iemanjá é comemorado, em sua maior parte, por devotos do candomblé e da umbanda.

No século XIX, o Brasil passou por mais um processo migratório com a vinda de trabalhadores italianos que vieram trabalhar nas lavouras de café, época em que já começava a ser falar em abolição da escravatura. Outros grandes fluxos migratórios significativos aconteceram quando japoneses, alemães e judeus buscaram refúgio em terras brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial.

Toda essa amplitude de povos provocou a formação de uma cultura plural constituída de culturas diferentes, mas ao mesmo tempo singular. As

diferenças geográficas e climáticas do Brasil também foram fatores determinantes para que o processo cultural brasileiro se tornasse plural e diversificado.

Por possuir um território de proporções continentais, o Brasil, ao longo de sua história, viu o desenvolvimento de diferentes vertentes culturais, devido às diferenças geográficas que separam o território, influenciando sobremaneira a pluralidade de hábitos e costumes regionais.

Um exemplo clássico desta diversidade pode ser encontrado na música. Se considerarmos a música sertaneja de raiz, encontramos nela elementos que remetem à vida no campo, do interior. Já o funk carioca fala da vida nas favelas, nas comunidades de onde ele surgiu. A literatura de cordel, por sua vez, trata de temas relativos ao sertanejo nordestino, enquanto os elementos da vida gaúcha tratam da vida dos povos que se estabeleceram no Sul do país, sob influência de alemães e argentinos.

Pensando em termos culinários, vez que a culinária é um importante elemento cultural de um povo, temos pratos típicos e ingredientes que provêm da cultura indígena, dos estados nordestinos e do Centro-Oeste brasileiro, por exemplo. Enquanto vatapá e acarajé são pratos típicos baianos de origem africana, os habitantes do Cerrado consomem pequi, e a culinária tradicional paulista é fortemente influenciada pela culinária portuguesa e italiana.

Como dito a cultura brasileira sofreu a influência de vários povos, constituindo um mosaico de raças que convivem desde o descobrimento do Brasil e vem ao longo dos tempos se tornando cada vez mais complexas, haja vista o processo de globalização intenso. Entre essas influências, a europeia é a primeira e uma das mais importantes tendo em vista estar presente em nosso país desde o descobrimento.

A cultura europeia é, sem dúvida, uma fornecedora de elementos culturais para o Brasil de grande importância. Foram os europeus os que mais

migraram para o país. Culinária, festas, músicas e literatura foram trazidas para o território brasileiro, fundindo-se com os elementos de outros povos. Além da cultura popular dos países europeus, foi trazida também a cultura erudita, marca essencial das elites intelectuais e financeiras europeias. O carnaval, festa de origem pagã, tão comemorado no Brasil e reconhecido mundialmente, é também visto na tradição europeia, como é o caso do Festival de Veneza. A cultura brasileira atual é influenciada fortemente pelos elementos da indústria cultural. Além desses fatores, existem outros oriundos da cultura produzida nas periferias, que não necessariamente são frutos da indústria cultural.

Podemos citar o hip hop que compõem a cultura brasileira contemporânea. Podemos relacionar o hip hop e o funk como elementos que impulsionam a cultura brasileira atual, para além da cultura de massa produzida pela indústria cultural. Nesses casos, podemos relacionar esses elementos a uma cultura autêntica, produzida pela periferia e para a periferia, sendo muitas vezes confundidos com os elementos da indústria cultural ou incorporado por eles.

Portanto, a cultura brasileira é ampla e diversa. Se considerarmos o Brasil, na sua formação étnica e em sua territorialidade, em suas condições climáticas e geográficas, a nossa cultura pode ramificar-se em centenas de eixos, vindos dos vários polos culturais estabelecidos em todos os estados de todas as regiões brasileiras, com suas características individuais.

A pluralidade cultural refere-se aos diferentes costumes e hábitos de uma sociedade, entre os quais podemos citar: vestimenta, culinária, manifestações religiosas, tradições, entre outros aspectos. O Brasil, por conter um território de proporções continentais, apresenta diferenças climáticas, econômicas, sociais e culturais entre as suas regiões.

Sabemos que os principais propagadores da cultura brasileira são os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos.

Posteriormente, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, poloneses, árabes, entre outros, contribuíram para a diversidade cultural do Brasil.

Assim, a título de exemplo farei uma pequena análise da diversidade cultural brasileira considerando suas principais regiões, a começar pela Região Nordeste. Entre as manifestações culturais da região estão danças e festas como o bumba meu boi, maracatu, carnaval, ciranda, coco, terno de zabumba, marujada, reisado, frevo, cavallhada e capoeira. Algumas manifestações religiosas são de conhecimento nacional e de grande importância regional, por exemplo a festa de Iemanjá e a lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim.

A literatura de cordel é uma manifestação literária do interior do nordeste brasileiro. É um gênero literário feito em versos com métrica e rima e caracterizado pela oralidade e por uma linguagem informal. O nome “cordel” faz referência às cordas onde os folhetos ficavam expostos. Seu formato foi inspirado nos cordéis lusitanos, trazidos ao Brasil pelos colonizadores portugueses.

O artesanato é representado pelos trabalhos de rendas. Os pratos típicos são: carne de sol, peixes, frutos do mar, buchada de bode, sarapatel, acarajé, vatapá, cururu, canjica, arroz- doce, bolo de fubá cozido, bolo de massa de mandioca, broa de milho verde, pamonha, cocada, tapioca, pé de moleque, entre tantos outros.

A quantidade de eventos culturais do Norte também é enorme. As duas maiores festas populares do Norte são o Círio de Nazaré, em Belém (PA) e o Festival de Parintins no Amazonas, a mais conhecida festa do boi-bumbá do país. Outros elementos culturais da região Norte são: o carimbó, o congo ou congada, a folia de reis e a festa do divino. A influência indígena é fortíssima na culinária do Norte, baseada na mandioca e em peixes. Outros alimentos típicos do povo nortista são: carne de sol, tucupi (caldo da mandioca cozida), tacacá (espécie de sopa quente feita com tucupi), jambu (um tipo de erva), camarão

seco e pimenta-de-cheiro.

A cultura do Centro-Oeste brasileiro é bastante diversificada, recebendo contribuições principalmente dos indígenas, paulistas, mineiros, gaúchos, bolivianos e paraguaios. As manifestações culturais típicas da região são: a cavallhada e o fogaréu, no estado de Goiás; e o cururu, em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A culinária regional é composta por arroz com pequi, sopa paraguaia, arroz carreteiro, arroz boliviano, empadão goiano, pamonha, angu, curau, os peixes do Pantanal - como o pintado, pacu, dourado, entre outros.

Os principais elementos da cultura regional do Sudeste são: festa do divino, festejos da Páscoa e dos santos padroeiros, congada, carnaval, peão de boiadeiro, festa de Iemanjá, folia de reis, caiapó. A culinária do Sudeste é bem diversificada e apresenta forte influência do índio, do escravo e dos diversos imigrantes europeus e asiáticos. Entre os pratos típicos se destacam a moqueca capixaba, pão de queijo, feijão-tropeiro, carne de porco, feijoada, aipim frito, bolinho de bacalhau, picadinho, virado à paulista, cuscuz paulista, farofa, pizza etc.

A Região Sul apresenta aspectos culturais dos imigrantes portugueses, espanhóis e, principalmente, alemães e italianos. As festas típicas são: a Festa da Uva (italiana) e a Oktoberfest (alemã). Também integram a cultura sulista: o fandango de influência portuguesa, a tirana e o anuo de origem espanhola, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a congada, o boi-de-mamão, a dança de fitas, boi na vara. Na culinária estão presentes: churrasco, chimarrão, camarão, pirão de peixe, marreco assado, barreado (cozido de carne em uma panela de barro), vinho.

Assim, com estes pequenos exemplos, podemos verificar a diversidade cultural existente em nosso país, o que o torna tão singular, tão especial.

2.5 As práticas sociais e suas relações com a noção de cultura.

Devido a essa complexidade cultural brasileira existem diversas práticas sociais singulares e diferenciadas que estão presentes em todo nosso território e que são ricas fontes de aprendizado e transmissão de conhecimentos.

Os conhecimentos podem ser construídos em práticas sociais, das quais participamos no nosso dia a dia e que orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de uma práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem vivemos. As práticas sociais se produzem no intercâmbio que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo que as cerca e ao intervir nele, é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo (COTA 2000, p.211).

Entre vários estudos existentes acerca do tema, destaca-se o realizado pelas pesquisadoras Maria Waldenez de Oliveira e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva que entendem:

“... que para chegar à compreensão de práticas sociais e dos processos educativos delas decorrentes, na realidade brasileira, é fundamental situá-los cultural, histórica e politicamente no nosso continente, a América Latina. Inspirados no pensamento de Paulo Freire e de outros, partimos das experiências dos povos da América Latina de sobreviverem à espoliação material e cultural que o colonialismo desde o século XVI, hoje sob a forma de globalização, tenta impingir.”

As práticas sociais decorrem das interações entre os indivíduos e entre eles e os diversos ambientes nos quais vivem: natural, social e cultural. É no interior destes grupos que as práticas sociais se desenvolvem buscando sempre transmitir valores e significados mantendo assim a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. Porém, as práticas sociais podem enraizar ou desenraizar. O enraizamento parte e busca manter vivas as tradições, entendidas como as referências primeiras que sustentam visões de mundo e permitem que sejam refeitas, sem abandonar sua origem (BORNHEIM, 1978).

O desenraizamento, por sua vez, parte de diferentes contextos, pontos de vista, datas distintas, transformando jeitos de viver e de ser, impõe papéis sociais adversos, recompõe identidades.

Assim, as práticas sociais se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais amplos, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações.

As práticas sociais podem se constituir em ações de grupos e comunidades que buscam a transformação de realidades que identificam como injustas, discriminatórias, opressivas. Mas também podem se direcionar a manutenção de critérios para dividir as pessoas em “mais” e em “menos” humanas, com mais e menos poder, muitas vezes sob aparência de generosidade que encobre o desejo de subjugar, negar a humanidade de cada pessoa, conforme alerta Freire, na *Pedagogia do Oprimido* (1987).

As práticas sociais se estendem no espaço e no tempo construído por aqueles que delas participam. Sua permanência, desaparecimento, transformação depende dos atores que as constroem, desenvolvem, mantêm ou suprimem, sempre considerando os objetivos que com elas se quer atingir. Os atores são participantes das relações sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, políticas e históricas, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e lugar, lutando pela sua existência, ou seja, criam cultura.

As práticas sociais contribuem, e muito, para a criação de nossas identidades. Estão presentes na história da humanidade, encravadas em culturas e se solidificam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Delas, participam, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças, necessidades, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes

espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem seus modos de pensar, ser, agir, perceber experiências produzidas na vida, problemas e dificuldades, com o objetivo de entendê-los e resolvê-los.

Assim sendo, estamos diante de muitos tipos de relações sociais, múltiplas redes relacionais, afetivas e de construção de conhecimento (MCLENNAN, 1995). São estas redes que compõe as culturas nacionais, isto é, as heranças de valores, de conhecimentos manifestados, num conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de diferentes grupos sociais e étnico-raciais. Por fim, são nestas relações de convívio amistoso ou tenso, acolhedor ou excludente, que as pessoas se educam na sua humanidade, para a cidadania negada, conquistada, assumida.

É por meio das práticas sociais que se promove a formação para a vida na sociedade, e dentro dessas práticas os processos educativos se desencadeiam, assim tem sido em todas as sociedades, ao longo da história humana. Silva (1987), ao investigar a educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro (RS), hoje reconhecido como quilombo, refere-se ao ato de se educar e de construir a identidade própria como resultante de processos educativos que se sucedem no seio de uma cultura, no tempo, no espaço e também na dimensão da liberdade assumida. (...) no convívio, uns se colocam com a disposição de pôr outros a par da sua comunidade, de lhes dar referências para que se estabeleçam de maneira própria, mas não individual, no mundo, compreendendo-o com sua comunidade, através da ação conjunta que nela assumem.

Como se conclui, as pessoas se formam baseadas em todas as experiências de que participam em diferentes contextos ao longo da vida. Ao identificar e valorizar processos educativos em práticas sociais, há um novo olhar, mais crítico, ao estabelecido monopólio pedagógico dos sistemas educacionais, vez que estes pretendem, muitas vezes, deter o único meio

pedagógico capaz de educar.

Os estudos vêm mostrando que processos educativos se desenrolam em diversas práticas sociais. Os sujeitos que participam de tais práticas fazem uma interrelação entre o aprendido em uma prática com o que estão aprendendo em outra, ou seja, o aprendido em casa, na rua, nos bares, no posto de saúde, nos clubes, em todos os espaços por onde cada um transita, serve como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, inclusive aquelas que a escola visa proporcionar. Porém, os ambientes tradicionais escolares nem sempre reconhecem tais experiências e contextos como aceitáveis e qualificados.

Isto nos leva a questionar: como pode a escola participar dos processos educativos que fazem parte da vida das pessoas em seus diversos ambientes, no intercâmbio umas com as outras? Para responder a esta pergunta é preciso que consideremos a leitura de mundo das crianças e dos jovens, que muitas vezes julgamos menos experientes do que professores e outros educadores, ou seja, é necessário considerar a visão e experiência de mundo destes, pois são ricas em conhecimento que merece ser compartilhado.

É notório que as pesquisas junto a pessoas e grupos, principalmente os socialmente “marginalizados” devem ser realizados com cuidado e paciência, através da inserção do pesquisador na comunidade, no espaço social a ser estudado, num conviver, realizado em interação e confiança. O objetivo desta inserção é tentar assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquelaprática social.

Isto só é possível, quando somos acolhidos, quando nos deixamos acolher e acolhemos o outro. Porém se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo, esta inserção não será suficiente e não atingiráos seus propósitos.

Esse processo exige paciência e tempo, é uma busca de convívio, seja restrito ao trabalho particular que está sendo desenvolvido, seja em outros

espaços e ocasiões, como por exemplo, atividades e eventos na comunidade. É uma busca de compreender o caminhar e, nele, compreender-se, e assim, entender os resultados dentro de processos humanos de construção histórica de mundo. A atenção ao curso desse caminhar permite a descoberta ou a abertura de novos caminhos que tragam possibilidades de novas experiências e reflexões.

A experiência vivida permite entender a prática social, a experiência do outro, mas, somente se houver respeito à cultura do outro, a seus pontos de vista. Ao conviver em uma outra comunidade para melhor compreender as relações ali existentes, não é entendido como uma anulação de si próprio, de sua história, de seus conhecimentos, mas ao contrário, é o reconhecimento de que todos construímos uma visão de mundo e com esta visão vemos e estamos no mundo, e antropologicamente, podemos dizer “isto é mundo” (FREIRE, 1987). Cada olhar é uma interpretação, pois está permeado por nossa experiência, sentimentos, história de vida.

Pensar nas práticas sociais como forma de processo educativo é necessário que haja diálogo, convivência e compromisso. Práticas sociais são atividades que envolvem pessoas a partir de um movimento complexo e dinâmico, demandam iniciativa própria de seus sujeitos, tornando-os construtores de sua própria história, que se dá com os outros e com o mundo.

2.6 Memória resgate de cultura por meio de práticas sociais.

A memória pode ser considerada um baú onde está guardado o conhecimento construído pelos nossos antepassados. Baú este cheio de imagens, sons, lembranças, vivências que são nossas referências. Essa memória não vem apenas das coisas que ouvi de meus pais, que ouviram de meus avós, mas, porque repito de diferentes formas esse conhecimento, porque compartilho de

diferentes formas e ele se enraíza nos viveres dos meus. “A memória é a reserva que se dispõe da totalidade de nossas experiências” (BOSI, 1979. p. 13).

Assim, minhas memórias não dizem só de mim, mas, retomam nas minhas atitudes o que foi vivido por meus ancestrais e o que vivo e compartilho com meus entes, amigos, irmãos, tios, pais. A memória que persiste nas experiências não só do indivíduo, mas do seu grupo. É o que Halbwachs vai chamar de memória coletiva.

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmití-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, imagem, texto, etc.).

Por outro lado a memória por meio das lembranças que é colocada em prática no dia a dia, até de forma banal, e que podem até passar despercebidas, é carregada de experiência trazida pelos antepassados. A essa forma de guardar lembranças Halbwachs (2006) chamou de memória individual, ou seja, a forma como as imagens-lembranças vividas são selecionadas, organizadas internamente.

A memória individual é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, onde este indivíduo foi socializado.

“A lembrança é a sobrevivência do passado”. (BOSI, 1979. p.15). É por meio dela que o passado é recontado e perpetuado. É por meio dela que nossas reflexões, nossas descobertas filosóficas se alicerçam. É revendo imagens de uma história vivida ou ouvida que transmito ao outro o conhecimento construído por mim na vivência. “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações (BOSI, 1979. p.09) Estando no presente, volto ao passado para transformar em imagens a mensagem a ser transmitida, junto às emoções e

sensações que acompanharam o vivenciado.

É pela lembrança ainda que recriamos o presente, que fugimos do instante sofrido, assustador e insuportável para aconchegarmos em imagens, em tempos de alegria e bem estar vivenciadas nos passado.

Essas mesmas lembranças, que ficaram guardadas podem se tornar recordações. Podem ser acessadas e recontadas de diferentes formas. São imagens que podem ser transformadas e readequadas de acordo com o conjunto de referências do presente. A recordação em outras palavras é a forma de organizar e reorganizar as memórias num tecer entre passado e presente.

“A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo.” (BOSI, 2003. p. 53). Afinal, o que vivo, é de acordo com lembranças, memórias-hábito, condicionamentos e aprendizados culturais transmitidos e a mim ensinados por outros que vem de outros tempos. E o que escolho como importante para que fique ao alcance da memória consciente é da mesma forma influenciado por todo o contexto cultural e comunitário a que estou exposto.

O que aprendo e o que escolho enquanto importante e significativo para ser recontado enquanto referência, faço-o enquanto indivíduo socializado, enquanto indivíduo condicionado, é delineado pelas lembranças, pela memória não só minhas, mas do grupo a que faço parte. Já que o que lembro e o que define minhas memórias são em parte trechos e recordações da memória desse mesmo grupo.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. (...). A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. (BOSI, 1979. p.17).

É esse ciclo que permite perpetuar no tempo conhecimentos,

aprendizados, práticas, saberes e agires que caracterizam cada grupo e que ao longo do seu existir e resistir numa linha temporal se torna tradição, se torna cultural, transforma-se na identidade também definidora do grupo ou comunidade. É assim, que talvez uma Festa do carro de boi persista de geração em geração, quando a lembrança e a relação do tempo e lembrança, é transmitida de pai para filho de filho para neto.

A memória coletiva de um grupo, se baseia na semelhança, no que há em comum nas lembranças dos indivíduos daquele grupo, num período do tempo. É ela que vai dizer do semelhante, do que acontece em comum entre os viventes da comunidade. Assim, a memória que é coletiva torna-se também tradição. E ao se tornar tradição conta as memórias não só de um sujeito, mas de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade, de uma região, de um país.

O coletivo por sua vez se constrói na junção de espaços, lugares e referências compartilhadas. A memória coletiva seria todo esse conteúdo transportado e que existe continuamente, são nossos traços culturais, são nossos atos e agires, nossos saberes e fazeres culturais e que se transformam cada vez mais rapidamente à medida que as memórias dos grupos dialogam e se misturam.

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, em uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar camas, de cultivar um jardim, de preparar um alimento que obedecem fielmente os ditames de outrora. (BOSI, 1979. p.33)

A memória é o fio condutor em que a cultura é transportada pelos tempos. É ela que nos permite a consciência de estarmos no presente e de já termos vivido um antes. É ela que nos permite a noção do tempo e por meio dela prosseguimos na linha de sucessões e de aprendizados compartilhados.

Assim, nosso ponto de partida poderia estar no pensar a cultura como sendo a interação entre um modo de vida, as formas dadas a ele e os símbolos que certo grupo cria e vivência em seu dia a dia. Formas e símbolos que são reconhecidos não apenas entre os seus participantes, mas, em alguma medida, por outros grupos que vivem e se manifestam culturalmente de forma diferente. (WILLIAMS, 2008).

A busca da reprodução de seu grupo físico e social, e as maneiras diversificadas como ele maneja diferentes sistemas da natureza, promovem o plano mais material de nossas diferenças culturais. Assim, podemos pensar que um grupo que vive a beira mar, desenvolve possibilidades diferentes de outro que vive no sertão. E mesmo grupos próximos, diante de recursos à vista diversos, criam estratégias culturais também diferentes. “nós transformamos os ambientes em que vivemos para adaptá-los a nós e para tornarmos possíveis e progressivas as nossas vidas neles”. (BRANDÃO, 2008: 27).

Tais adaptações e inovações são compartilhadas entre os membros de um grupo. Um grupo humano que se uniu socialmente como uma alternativa cultural para a sua sobrevivência. E que pelo mesmo motivo seus integrantes mantêm relações de trocas e de auxílios mútuos. Esta conduta original e suas derivadas terão sido o ponto inicial para o surgimento de dimensões da cultura.

Portanto, ao mesmo tempo em que agem sobre o mundo natural transformando-o, agem sobre si próprios, transformando-se. Atuam sobre as coletividades que criam para poderem, co-existindo, sobreviver no plano individual e no plano coletivo. Os seres humanos são capazes de, vivendo em um mesmo ambiente natural, criar várias formas diferentes de associações, de sociedades e de suas vidas socioculturais.

Em outra dimensão, ainda, os seres culturais que nós somos são capazes de desenvolverem diferentes alternativas do ensinar e aprender os saberes, os significados, os valores, enfim as práticas sociais de seu mundo,

através de diversas formas de educação.

Portanto, criando e transmitindo saber, criando e compartilhando símbolos e significados, perpetuamos a cultura e as culturas. Assim num mundo humano há no seu interior, múltiplos mundos culturalmente diferente que surgem com a criação e o compartilhamento.

Um ator social que aprende os ‘saberes’ necessários para sua própria existência, internaliza os conceitos, os valores e as normas através da experiência e, também, com a repetição do comportamento de um outro com o qual aprende. É à medida que o grupo de pessoas permite e incentiva este fenômeno que socialização acontece. E ela é o aprendizado consciente e inconsciente do código cultural pelos que chegam a um mundo social. E, claro, a socialização se dará de acordo com os padrões sociais de um dado grupo cultural e da sociedade em que está inserido. Ele preserva e transmite padrões sociais, ou seja, as normas, regras, crenças, valores são propostos e impostos à conduta individual do que aprende. E dessa forma, o círculo de ensinar e aprender, de transmitir traços e expressões culturais se perpetua. Círculo que nasce na interdependência humana e se eterniza nas relações e experiências culturais.

Dessa forma, cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto fio condutor, enquanto linha de transmissão que permite que viveres, memórias-hábitos, imagens- lembranças, sejam transmitidas no tempo. A cultura em meio a isso é o conteúdo. É o que está na memória, o que está nas imagens, no cotidiano, no condicionamento. A cultura é o fluido que é transmitido pela memória, pela linha do tempo, que sobrevive de geração para geração em tempos e espaços que parecem vários, mas que podem ser apenas um. (HALBWACHS, 2006). Dessa forma, cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto elo e cultura enquanto conteúdo que perpetua.

2.7 Práticas sociais e a complexidade cultural de Minas Gerais.

Uma das atividades de trabalho mais comum no interior de Minas Gerais é a atividade rural. Nesse cenário, o carro de bois era parte integrante de uma economia de subsistência, cujas relações sociais eram mediadas pela interação do homem com a natureza. As transformações econômicas surgidas na década de 1970, quando o cerrado se torna terras produtivas em grãos para exportação, o carro de bois é celebrado em festa popular e as práticas sociais em seu entorno ganham novos significados e memórias de um tempo que não mais existe.

Esse tema se constitui em um campo com novos enfoques na pesquisa histórica, acrescido do fato de, sobre a região estudada, haver poucos trabalhos de cunho acadêmico, abrindo, portanto, muitas perspectivas, daí o interesse por esta questão de cultura popular. Então o alvo da minha pesquisa estar voltado para o interior das Minas Gerais, buscando conhecer, por meio de suas formas de expressão popular, a riqueza cultural da região.

As várias práticas culturais existentes no viver dos mineiros são um rico cenário para se estudar. Cultura, festas e religiosidades são algumas representações impressas contexto social dos mineiros, que contracenam enquanto atores de seu tempo, construindo a sua história. Essa cultura, deixa rastros, traços de memória por indícios e sinais, mantendo viva em nossa história os tempos idos das Minas Gerais.

As mudanças ocorridas na cultura popular do interior das Minas Gerais podem ser observadas mais efetivamente na década de 1970 a partir da execução de projetos e planos governamentais das ditaduras militares que transformaram o cerrado em terras produtivas e lucrativas. Café, soja e milho devastaram paisagens e pequenas propriedades, concentrando riquezas e fartura nas mãos de alguns. O mundo rural, construído com trabalho e incertezas, só foi

possível porque se sustentou em uma economia de subsistência, na qual se sobressaía a solidariedade entre vizinhos e compadres. A fé e a religiosidade sustentavam a crença em um mundo melhor, regulando e reproduzindo a moral e os costumes.

Porém, mesmo diante dessas transformações profundas é impossível não perceber que o mineiro do interior aprendeu a cultivar a sua memória em pequenos sinais da vida cotidiana, que podem ser observados nos objetos materiais e santos de devoção guardados e cultuados, nos ditos populares, com os quais procura expressar a sabedoria e as experiências de vida, nas suas relações de compadrio, nas comemorações de alguns festejos religiosos e populares rurais nos quais se renovam a fé e o reencontro, nos quitandas e comidas típicas da região, na preferência pelas antigas modas sertanejas ainda entoadas, nas crenças, nas benzedeadas, nos chás e remédios.

Até a década de 1950, diferentemente da rotina do trabalho urbano, a unidade de tempo na zona rural é o ano agrícola, o tempo do cio dos animais, de cruzar o gado, de parir, de amamentar, de apartar a bezerrada. Os instrumentos de trabalho existentes refletem a rusticidade da época e do lugar. Somente as famílias mais ricas possuíam o arado, pois junto com ele era necessária a presença do boi, o que para muitos era custo adicional.

Considerando a expansão das terras e da prática da agricultura extensiva, a adoção do arado foi sendo implementada aos poucos, conjuntamente ao emprego das novas técnicas agrícolas. À exceção destas, o que era comum a todos era a enxada, a picareta, o facão, o machado, a foice, a pá, o cutelo e uma carrocinha para os apetrechos, sementes, entre outros. Dentre esses instrumentos de trabalho o carro de boi merece destaque. A sua utilidade para o traslado de mercadorias e gêneros de primeira necessidade, e até mesmo o transporte de pessoas, bem como uma construção do imaginário popular que vai desde o seu cantar, até as histórias dos bois de estimação e da

fama que envolve o carreiro “bom de serviço”.

O trabalho existente era baseado no trabalho familiar, de subsistência. A figura do agregado e do parceiro caracterizava-se pela existência do grande proprietário de terra. Existiam ainda outras atividades prestadas em serviço ou com parte da produção, tais como: o empréstimo, o carregamento de mercadorias em um carro de boi, o beneficiamento de um produto no moinho, o fabrico do açúcar, da rapadura ou da pinga de engenho. Havia também as relações de prestação de serviços pagas com produtos. Nesse sentido, até 1960, no interior de Minas, as pessoas contratadas recebiam pelo seu trabalho o equivalente em gêneros alimentícios. Não havia salário e o dinheiro era uma mercadoria rara.

Ademais sem essas relações de trabalho, de cooperação, a cultura caipira de subsistência teria se extinguido muito antes de as relações sociais de produção capitalista serem consideradas majoritárias e definitivas na zona rural.

A figura do peão de boiadeiro construída e cantada em versos e prosas evidencia a ousadia do macho, vaqueiro destemido que tem o sertão na palma das mãos. Sem morada fixa tem a estrada como o lugar do seu ofício, a boiada como mercadoria a zelar até o seu destino final. Homem de grandes aventuras, muitos amores, não tem laços empregatícios duradouros. Trabalhava por empreitada, cada boiada um valor a receber.

Estamos reavendo aqui um perfil do trabalhador da zona rural do interior das Minas Gerais, extinto pelas transformações econômicas sofridas na região. A construção das rodovias, conectadas às ferrovias, o incentivo à fabricação de caminhões, contribuíram para tornar inviável a profissão. Assim, a década de 60 viu desaparecer os últimos peões de boiadeiro que se transformaram em boias-frias, garimpeiros ou serventes de pedreiro.

Os vestígios dessa profissão podem ser hoje encontrados em várias canções sertanejas antigas, nas festas de rodeio, que animam as feiras

agropecuárias realizadas por todo o interior do país e mais especificamente nas festas de carros de bois que reinventam uma tradição.

O carro de boi faz parte da história do Brasil, durante séculos foi o veículo usado para o transporte de mercadorias, materiais de construção e até para transportar mudanças. Ele figura no quadro de Pedro Américo, na obra "O Grito do Ipiranga" e também é tema de músicas. *"O carro de boi lá vai gemendo no estradão, suas grandes rodas fazendo profundas marcas no chão, vai levantando poeira, poeira vermelha, poeira do meu sertão"*. Esta é uma das músicas mais conhecidas do Brasil, ela foi interpretada por vários cantores e cantoras, entre eles, Inezita Barroso, Sérgio Reis, Pena Branca e Xavantinho. A letra fala do triste gemido das rodas deste meio de transporte primitivo, que até hoje ecoa pelo sertão.

2.8 Carro de boi – história.

O carro de boi é um meio de transportes tido como um dos mais primitivos. Sua forma tem base em uma carroça puxada por um ou mais bois, e seu uso varia entre transporte de carga e de pessoas. É um meio de transporte muito comum no meio rural e tem a vantagem de ter o boi como “combustível”, visto que este é um animal de grande resistência.

Para que seja possível construir um carro de boi, é necessária uma mesa de madeira para servir como base da carroça. Em seguida, é feito o uso de um eixo, que serve para que as duas rodas se interliguem à mesa. Da mesma forma, as duas rodas devem ser conectadas à carroça, para que ela ganhe mobilidade.

Uma curiosidade sobre este carro é o regaste cultural que ele proporciona. Ainda hoje é feita uma espécie de festa em comemoração ao transporte que proporcionou mobilidade ao povo do campo. Em Minas Gerais e no sertão gaúcho, são realizados desfiles dos carros de boi, enquanto os

moradores locais confraternizam em razão deste marco cultural.

2.8.1 Origem do carro de boi

O carro de boi ficou nacionalmente conhecido a partir das lavouras de cana-de-açúcar. O uso do carro era feito para transporte da produção de cana até as moendas dos engenhos. Este transporte também conhecido fora do Brasil, em Portugal por exemplo é chamado de Boeiro. Dado ao fato que o auge de uso foi durante a colonização brasileira, os portugueses mais ricos eram os que se utilizavam do transporte para sua locomoção.

Por muitos anos este tipo de carro era tido como nobre entre os proprietários de terra pois o boi não se cansa com facilidade do cavalo, além disso sua força para transporte é muito maior.

2.8.2 Conhecendo um carro de boi – suas partes.

Algumas das partes do carro de boi :

- canga: peça em que se prende o cabeçalho ou o cambão e que é colocada sobre o pescoço de dois bois, responsável pela transferência de energia mecânica ao cabeçalho.
- canzil: Peças em forma de estacas trabalhadas que atravessam a canga de cima para baixo em quatro pontos, de modo que o pescoço de cada boi fique entre duas dessas estacas;
- arreia: suportes que atravessam transversalmente o cabeçalho, sobre os quais se apoiam as tábuas da mesa;
- cabeçalho: a longa trave que liga o corpo do carro à canga, que se atrela aos bois;
- cantadeira: parte do eixo que fica em contato com a parte inferior do

chumaço. O contato entre eles produz o som característico do carro;

- cheda: Prancha lateral do leito do carro de bois, na qual se metem os fueiros;
- cocão: Cada uma das partes fixadas por baixo das chedas, que servem para fixar, duas de cada lado do carro, cada um dos chumaços;
- Chaveia: cada parte lateral, fixado na cheda, fica situada na frente do cocão e segura a parte anterior do chumaço e o eixo.
- Chumaço: Com forma que lembra um H, é a parte que fica presa entre o cocão e a chaveia, feito de jacarandazinho para resistir ao atrito sem pegar fogo, sendo a parte fixa que entra em contato com o rodante do eixo em baixo da mesa.
- Eixo: Construído de aroeira sucupira ou jacarandá, que são madeiras resistentes e ruimde fogo, liga uma roda a outra sem diferencial.
- fueiro: cada uma das estacas de madeira que servem para prender a carga ao carro;
- mesa: a superfície onde se coloca a carga;
- Recavém, ou requevém, é a parte traseira da mesa. também há lugares que é chamado decadião.
- tambueiro: Tira de couro cru, curtido e torcido, que serve para prender o cabeçalho ou o cambão à canga;
- brocha: Tira de couro cru, curtido e torcido, que serve para prender um canzil ao outro passando por baixo do pescoço do boi.
- Roda: feita de madeira nobre (Jacarandá), constitui de três pranchas unidas por travas de madeira (cambota) colocadas internamente nas pranchas por furos retangulares, estas fixadas por grampos e chapas de ferro. A circunferência é coberta com chapa de aço fixada à madeira com grampos de aço cuja forma arredondada deixa um rastro característico.
- palmatora: partes laterais do cabeçalho na parte anterior da mesa do

carro de boi.

- Chocalho ou Guizo: Vara com ferrão usado pelo carreiro e pelo candieiro.
- Ajojo: tira de couro que liga as aspas dos bois.



Figura 1: Carro de boi - Fonte: Liliana Cristina do Carmo



Figura 2: Carro de boi - Fonte: Liliana Cristina do Carmo

2.8.3 Uso do carro de boi

O uso do carro de boi é muito presente no sertão brasileiro, em especial, em Minas Gerais. Os agricultores se utilizam do meio de transporte para levar a mercadoria até o centro. O carro se transformou em uma tradição do ruralista brasileiro e hoje é visto como símbolo cultural. A principal característica que define um bom carro de boi é madeira que se utiliza. O uso de uma madeira de qualidade define o som que o carro faz. A madeira também define velocidade e facilidade para transitar.

Um carro de boi leva em média 30 dias para ser construído e seu valor de mercado é alto, podendo chegar até 15 mil reais. Os dois fatores, tanto do tempo de construção como o valor são variantes da madeira que é utilizada na construção.

A região mineira é a que mais se utilizou do carro. Na época da colonização e até que chegassem a era dos automóveis, o carro de boi foi o único meio de transporte de Minas Gerais, tanto de pessoas como de produtos.

No ramo do mercado produtor, era muito comum observar o carro sendo utilizado para transporte do café e de cereais até o consumidor. Dado ao fato que o estado de Minas é ainda hoje o maior produtor de café nacional, ter o carro de boi como transporte significa muito para a história política e cultural da nação.

Por seu valor cultural, o carro de boi é homenageado em diversos festivais e encontros, onde se reúnem os últimos usuários e colecionadores desse meio de transporte rústico e simbólico do meio rural brasileiro.

Na região sudeste, em Minas Gerais são conhecidos os festivais de carro de boi de Formiga, Bambuí, Ibertioga, Desterro de Entre Rios, Vazante, Macuco de Minas, São Pedro Da União, Matutina, Caldas, Congonhal, Resende Costa, Pará de Minas e Lima Duarte. Em Goiás na cidade de Portelândia tem uma das mais belas do estado. No estado do Rio de Janeiro, o

festival de carros de boi de Raposo, distrito de Itaperuna, é um dos mais famosos.

2.8.4 Carro de boi na atualidade

Nos dias atuais, seu uso é visto como uma herança de família e para preservação dos costumes da região. Mesmo na sociedade atual com a disponibilidade dos automóveis e maquinários agrícolas, muitos produtores se utilizam do carro de boi. Também há que se considerar que os pequenos produtores rurais não possuem condições financeiras de adquirir maquinários modernos. Outro fato que mantém o uso do carro de boi é que diversos produtores desejam que o transporte prevaleça na história do país. Os produtores e pecuaristas que se utilizam do meio para transporte são chamados de carreiro.

Apesar de uso trazer vantagem ao produtor de pequenas cargas ou para uso familiar, muitos já não o utilizam por não considerarem viável. Em comparação com uma caminhonete ou outro tipo de meio automotivo, o carro de boi chega a demorar cinco vezes mais. Em outras palavras, o transporte não otimiza tempo e não é procurado por produtores de grande porte.

Outro setor que se beneficia com o carro de boi é o turismo. Realizar passeios turísticos com a carroça de boi é muito comum, em especial no Sul do país.

A maior vantagem deste transporte é pela resistência do animal. Além de o boi ser mais resistente em longas jornadas, o animal também é conhecido por sua força em carregar grandes cargas. Outra marcante característica do animal é seu caráter manso, em outras palavras, fácil para manejo.

Outra importante característica do meio é para os que desejam iniciar um comércio a partir da produção mesmo. O carro de boi permanece sendo

muito procurado pelo setor rural, ou seja, não há falta de mercado consumidor. Além disso, o transporte também conta com alto custo de mercado. Este fato valoriza o trabalho do produtor e gera economia com o retorno monetário.

Embora o transporte não seja rápido, seu uso ainda é procurado para preservação cultural. Muitos produtores ainda procuram o carro de boi para que uso não entre em “extinção” ou mesmo caia no esquecimento.

Apesar de ter sido substituído por máquinas agrícolas e automóveis, o carro de boi é tido como um meio de transporte muito importante para a história do Brasil. Sendo, ainda hoje, considerado por muitos uma herança e patrimônio cultural.

2.9 Festa De Carro De Boi De Macuco De Minas

Em Minas Gerais existem diversas cidades que promovem a festa do carro de boi, mas duas se destacam aqui na região sul: Macuco de Minas e Conceição da Barra de Minas. O objeto do meu trabalho de pesquisa será a Festa do Carro de Boi de Macuco de Minas distrito do município de Itumirim, analisada como uma forma de prática social e sua relação com a cultura popular local.

Macuco de Minas é um distrito do município brasileiro de Itumirim situado no estado de Minas Gerais. O nome que faz referência ao pássaro macuco, encontrado no local durante a época dos bandeirantes. Segundo dados da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA) em 2014, aproximadamente 2.516 habitantes residiam na área urbana do distrito. O distrito de Macuco de Minas apresenta poucas atividades históricas influentes conhecidas na região. Sendo a parte mais conhecida contada e recontada pelos mais velhos aos jovens oralmente. A fundação de Macuco de Minas aconteceu em 30 de dezembro 1962 pela Lei estadual nº 2764, de 30 de dezembro de

1962, que desmembrou o município de Itumirim do distrito de Ingaí, o tornando município, e fundando o distrito de Macuco de Minas.

O carro de boi está muito presente no distrito de Macuco de Minas, ainda hoje, é muito utilizado pelos produtores rurais da região para transporte de lenha, café, cana e leite. Existem em Macuco de Minas mais ou menos 60 carros de boi. Muitos produtores possuem dois ou três carros, tamanha é a importância deste meio de transporte para eles.

A Festa do carro de boi de Macuco de Minas foi criada em 1985 por um grupo de 3 pessoas, uma agrônoma da Emater, Sra. Ormindá e dois produtores rurais, Sr. Domingos e Sr. Sebastião Andrade, com o objetivo de resgatar e resguardar a cultura e valorizar as tradições da região em relação a este veículo de transporte milenar: o carro de boi. A festa acontece todos os anos, sempre no quarto final de semana do mês de julho, conta com a participação de vários carreiros da região. Conta com mais ou menos 50 carros bois que desfilam no domingo da festa. Já houve a participação de 140 carros de boi, um recorde da festa.

Como já dito, a falta de material escrito relativo ao distrito e à festa dificulta sabermos exatamente como esta foi acontecendo ao passar dos anos. A fonte de consulta para iniciar este projeto foi um vídeo disponibilizado no Facebook, datado de 14.01.2016, onde o Sr. Domingos, um dos organizadores mais antigos da festa, conta que ela foi realizada a primeira vez em 1985 com poucos carros de boi e contra a vontade do padre da paróquia. Após conseguir outros 12 vídeos das festas realizadas, os quais servirão de base para minha pesquisa documental.

Embora nas primeiras festas a igreja ter não participado, com o passar dos anos a festa passou a ter um cunho religioso, pois na mesma é festejado São Sebastião, padroeiro do distrito. Antes do desfile dos carros, há um missa em um terreno descampado, onde são abençoados os carros e bois, bem como há uma

queima de fogos. Atualmente, o padre escolhe um carro de boi, geralmente o mais bonito e mais enfeitado, para que leve a imagem de São Sebastião à frente no desfile.



Figura 3: Festa do Carro de Boi de Macuco de Minas - 2021 - Fonte: Liliana Cristina do Carmo



Figura 4: Festa do carro de boi de Macuco de Minas em 2021 - Fonte: Liliana Cristina do Carmo

A festa também já foi cantada em verso pelo Sr. Sebastião, um dos fundadores da festa:

Vou desfilhar no Macuco de Minas, para mostrar alguma
verdadeQue na nossa região ainda existe alguma coisa da
antiguidade Amansei uma boiadinha, o que eu fiz com todo
o cuidado
Para carregar São Sebastião o nosso padroeiro aqui do
povoado

Embora seja uma festa organizada por um pequeno grupo de pessoas, a importância do evento para essas pessoas e para o distrito é tão grande que em 20/06/2009 foi criada a Associação de Carreiros de Macuco de Minas e Região.

As finalidades desta Associação são: a) Promover e incentivar ações que visem a garantir o desenvolvimento cultural do carro de boi; b) Promover e defender os direitos da associação e seus membros; c) Representar a Associação e seus membros perante os órgãos públicos e privados buscando junto aos mesmos as respostas para demandas, pendências e necessidades em seu meio; d) Colaborar com os poderes públicos e entidades privadas na realização de levantamentos estudos a respeito da situação atual, histórica e cultural do carro de boi e tudo que o segue; e) Proceder o cadastramento dos carreiros; f) Funcionar como agente do processo de desenvolvimento da tradição do carro de boi, executando tarefas de relevante interesse público, dos carreiros e dos associados; g) Organizar e promover a festa do carro de boi no distrito de Macuco de Minas, perpetuando a tradição da festividade, incentivando os carreiros para que a tradição do carro de boi nunca deixe de existir.

Por meio deste trabalho pretendo obter subsídios que me permitam pensar e analisar que sujeitos sociais, atropelados, em nome do desenvolvimento e do progresso, pelas práticas desintegradoras de experiências de vida do capitalismo liberal, são capazes de, em um ato de resistência, reinventar uma tradição. Nesse sentido, em busca de uma identidade perdida,

festejar há 36 anos o encontro com as raízes do passado e a “carreata de bois”, que ocorre durante a Festa do carro de bois de Macuco de Minas foi a forma possível, mesmo que travestida do simbólico, do lúdico, do religioso, de reescrever a história do passado mineiro.

Esta festa reflete a capacidade de resistência das classes populares, permeadas de significados passados que persistem frente à modernidade, permitindo pensar essa festa no campo da cultura popular, como aquilo que permanece das experiências vividas no cotidiano dos sujeitos sociais. Experiências essas que, embasadas em suas raízes culturais, possibilitam desviar-se de um destino traçado pela força do capital, resguardando uma identidade social.

Pela persistência desse evento, envolvendo a cada ano mais e mais pessoas de toda a região na qual se insere, é possível vislumbrar que seu objetivo, ao recriar práticas sociais em desuso, é o de reavivar o elo perdido entre passado e presente. Fazer cultura por meio de um resgate da memória de uma atividade antiga.

Em um esforço por compreender essa festa como uma forma de resistência à modernidade por meio de tradições reinventadas, a vejo como memorização traduzida na subjetividade e poetização do passado, com a intenção de revalorização dos sentidos das funções culturais, produzindo uma nova estética do passado. Nesse sentido, a festa do carro de boi é entendida como uma representação produzida por sujeitos sociais que ainda têm o mundo rural como referência de vida, cujas experiências estão fundadas na sociabilidade comunitária de uma economia rural de subsistência.

O conceito de experiência referido permite pensar a tradição como o momento em que o individual e o coletivo se unem, originando uma prática cultural comum aos sujeitos sociais nela envolvidos, capaz de ser transmissível às futuras gerações. Tradição, desse ponto de vista, não são apenas rastros ou

restos que, como lembranças, se diluem e se perdem no tempo. Mais que isso, tendo como suporte uma memória que resiste à ordem de progresso imposta, retoma o passado consciente dos seus sofrimentos e perdas, para projetar um futuro cuja identidade cultural seja porta-voz de sua luta contra a alienação.

Assim, a festa de carro de boi, ao representar um passado por meio de relíquias culturais, compõe um relato de histórias perdidas, de memórias latentes, recriando não mais o real vivido, mas um conjunto simbólico que, atrelado às experiências do cotidiano agrário, produz a comemoração como uma forma de enfrentamento à racionalidade do mercado e das relações sociais do capitalismo moderno. É interessante pensar que nos dias desta festa, entremeadas pela poeira das estradas, suor dos corpos embaixo do sol, das vestimentas dos boiadeiros, do gemido dos carros de boi, recriar e reviver uma tradição, cuja prática concreta no mundo rural atual quase já se extinguiu, só pode ser entendida como uma forma de resistência.

3 METODOLOGIA

O termo *pesquisa* significa, segundo o dicionário Aurélio “indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição”. Além disso, também significa “investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento”. O importante aqui é compreender a pesquisa como um processo de produção de conhecimentos para a compreensão de uma dada realidade, isto é, que auxiliem na sua interpretação.

Entendemos por *pesquisa* a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação, ou seja, nada pode ser

intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. (MINAYO, 1998, p. 17).

Então, a função da pesquisa, por mais abstrata que nos possa parecer, é a interpretação do que vivemos. A pesquisa, como afirma Santos (1989), é a “prática social de conhecimento”. Assim, é importante observar que as explicações sobre o termo *pesquisa* vêm sempre associadas à idéia de conhecimento. Portanto, torna-se necessário compreender o que é conhecimento.

Podemos pensar no conhecimento não só “como um mecanismo de compreensão e transformação do mundo”, mas também “como uma necessidade para a ação e, ainda, como um elemento de libertação” (Luckesi -1985). Temos o conhecimento como um mecanismo de compreensão e transformação do mundo, segundo esse autor, que remete à reflexão sobre nosso mundo cultural. O mundo humano é construído pela cultura, pelos sujeitos em suas relações interpessoais e com o ambiente em que vivem.

Podemos dizer que nossos atos são acompanhados de pensamento, de reflexões sobre o observado, o sentido e o vivido. Necessitamos por isso pensar, compreender e conhecer o mundo em que vivemos. Essa ação diferenciada de pensar o mundo e suas coisas é o movimento humano de dar significado a tudo, de compreender da forma mais aprofundada possível nossas relações com o mundo e após, com as coisas. Tem-se como pressupostos básicos que o conhecimento só nasce da prática com o mundo, enfrentando os seus desafios e resistências, e que o conhecimento só tem seu sentido pleno na relação com a realidade (LUCKESI, 1985, p. 49).

No entanto, o processo de elaboração de conhecimento sobre o mundo não é um processo individual. Os significados produzidos para que o homem compreenda melhor aquilo que o rodeia foram e são produzidos durante toda história da humanidade, pelo conjunto dos sujeitos sociais. Isso significa dizer

que o conhecimento é histórico e social. Histórico porque cada conhecimento novo dá continuidade aos conhecimentos anteriores e social porque nenhum sujeito constrói, a partir de nada, um novo conhecimento: todo conhecimento se apóia em conhecimentos anteriores, produzidos por outros sujeitos, portanto, ele é social e coletivamente produzido.

Assim, o conhecimento pode ser, então, um instrumento de libertação. No entanto, assim como o conhecimento pode ser libertador, ele pode ser opressor. Isto é, o conhecimento não é neutro. Se o conhecimento é uma construção humana, pode estar a serviço da libertação dos sujeitos ou a serviço de sua opressão, de seu controle. Somente quando o conhecimento atua de acordo com as necessidades e vontades de todos os sujeitos envolvidos em seu processo ele é libertador. Quando o conhecimento atua a serviço de determinados grupos sociais com o objetivo de defender os interesses desses grupos em detrimento dos interesses dos outros grupos, torna-se um instrumento de opressão.

Porém muito se tem avançado na ideia de que é preciso considerar que os fenômenos humanos e sociais nem sempre podem ser quantificáveis, pois, como afirma Minayo (1998), trata-se de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, interessa muito mais compreender e interpretar seus conteúdos que descrevê-los. Ao refletir sobre a abordagem dialética na metodologia de pesquisa, afirma:

Dessa forma, considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base

material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam. (MINAYO, 1998)

Isso significa dizer que, em educação, a pesquisa possui caráter essencialmente qualitativo, sem perder o rigor metodológico e a busca por compreender os diversos elementos dos fenômenos estudados.

3.1 Tipos de pesquisas

Como dito na introdução a pesquisa de campo que seria realizada como planejada não foi possível tendo em vista que a Festa do Carro de boi não aconteceu no ano de 2020. E em 2021 ocorreu de forma tímida, apenas com o desfile de 13 carros de bois. Portanto, foi necessário pensar quais tipos de pesquisas poderiam ser utilizadas que pudessem atender aos objetivos do projeto.

A pesquisa bibliográfica foi a primeira fonte deste trabalho, foram consultados livros, artigos, dissertações e teses relacionados aos temas cultura, práticas sociais, processos educativos, memória, carro de boi. Por meio desta pesquisa pude fazer um levantamento bibliográfico dos temas afetos ao meu projeto.

A pesquisa de campo que seria feita durante a organização da festa, bem como durante a realização dela, foi substituída pela utilização do instrumento de pesquisa entrevista com os organizadores do evento e os participantes da festa com o objetivo de obter informações e fazer uma reflexão sobre a prática social da festa do carro de boi e a sua importância como cultura popular para a região, em especial para o distrito de Macuco de Minas.

Porém devido a pandemia do COVID que assolou o Brasil e o mundo inteiro desde o final do ano de 2019 e que perdura até a presente não pude fazer a pesquisa de campo da forma como esperava, a qual foi substituída por

pesquisas bibliográficas e documentais (DVDs, fotografias e documentos das festas antigas) e entrevista com organizadores da festa.

O prejuízo da não realização da festa no ano de 2020 para o meu trabalho só não foi maior tendo em vista que no ano 2021 foi realizada a festa, não nos moldes em que é realizada todos os anos. Este ano a festa foi modesta, contando com uma missa e a carreata de 13 carros de bois, ocorrendo a bênção dos carros no final do desfile. Assim, meu campo de pesquisa fico restrito, sendo que entrevistei alguns carreiros que participaram da festa este ano, além dos organizadores da festa e associados da Associação do Carro de Boi. Tentei por meio de entrevista dos organizadores, pesquisa bibliográfica e documental substituir de forma a atender os objetivos do meu projeto e entender como a festa é realizada e sua importância para a cultura local e para a região.

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, ou seja, havia um roteiro prévio, mas com abertura para que o entrevistador fizesse perguntas fora do que havia sido planejado, considerando o desenvolver das respostas, ampliando assim os temas a serem abordados. Dessa forma, o diálogo se torna mais natural e dinâmico. As entrevistas realizadas com os organizadores da festa e associados da Associação, foram feitas isoladamente, na residência dos entrevistados, deixando-os mais confortáveis possíveis. As perguntas eram do tipo abertas visando obter respostas mais elaboradas e ricas de detalhes, auxiliando assim na compreensão do ponto de vista de cada entrevistado sobre os temas abordados.

No dia da festa que aconteceu em 25/07/2021 pude fazer entrevistas com alguns carreiros onde busquei obter informações acerca da importância da festa para eles e como estes estavam enxergando a festa realizada neste ano (extremamente diferente dos anos anteriores devido a pandemia). Neste dia as perguntas foram mais diretas devido ao fato deles estarem preocupados em participar do evento.

Devido a pandemia do COVID as entrevistas foram realizadas desde 2020, tendo em vista que os organizadores da festa são trabalhadores rurais e que residem em lugares distantes e estão se cuidando devido pandemia. Muitos não dominam as tecnologias modernas de forma que não pude fazer as entrevistas virtualmente. Ademais entrevistas virtuais podem ser impessoais e distantes, o que com certeza iria refletir nas respostas.

Outro tipo de pesquisa utilizada neste trabalho foi a pesquisa documental, sendo aquela que recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa documental utiliza fontes primárias, isto é, dados e informações que ainda não foram tratados científica ou analiticamente, tendo objetivos específicos e sendo um rico complemento à pesquisa bibliográfica. Por essa razão, é um tipo de pesquisa bastante utilizado nas ciências sociais e humanas.

Na pesquisa documental me debrucei sobre documentos antigos e atuais relacionados ao carro de boi, à festa e ao distrito de Macuco que foram usados para contextualizar a história, acultura, o social e a economia do lugar.

No caso específico do meu trabalho foram analisados vídeos das festas passadas do carro de boi, fotografias e documentos escritos. A análise dos DVDs das festas antigas foi feita com um olhar de observadora, onde tentei obter informações acerca da organização da festa, da carreata dos bois, da participação popular e do Poder Público. Analisei como a festa aconteceu nos anos passados, qual foi a participação dos carreiros, da igreja, da comunidade e do Poder Público.

3.2 Coleta e análise de dados

De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 270), a entrevista é uma conversação face a face, de maneira metódica, que proporciona ao entrevistador a informação necessária, por todas essas características que apresenta, com o objetivo de analisar uma situação em particular e não o de obter resultados generalizáveis.

O universo (população) do estudo de caso está representado pelos organizadores (associados da Associação de Carreiros de Macuco de Minas e Região) e alguns participantes da festa.

Vale destacar que não foi intenção realizar uma pesquisa quantitativa, com rigorosa avaliação do grau de significância, e sim qualitativa. Tem-se plena consciência de que não foi estatisticamente significativa, principalmente no que se refere ao de uma instituição de pequeno porte.

Depois de apuradas as informações, foi feita a análise dos dados para a obtenção dos resultados globais os quais possibilitaram a composição dos resultados por meio de análise, ressaltando a importância dos dados para a análise de uma situação isolada.

A análise e interpretação dos dados propiciaram à pesquisadora relatar, bem como analisar, a partir da entrevista com os responsáveis pela organização da festa qual a importância desta para eles e para o distrito.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando todo o referencial teórico estudado e análise dos dados coletados pôde ser feita a análise da Festa do Carro de boi de Macuco de Minas como prática social inerente a uma cultura popular regional.

Pela análise dos dados coletados pôde ser observado que para os

organizadores a festa tem uma grande importância como fonte de resgate de uma memória bem como também uma expressão de cultura de massa.

A festa, objeto do presente trabalho, possui vários viés, mas dois ficaram latentes pelas entrevistas realizadas: resistência x alienação.

A festa pode ser vista como expressão de alienação quando analisamos a distância do propósito do carro de boi versus meio de ganhar dinheiro. A festa é a oportunidade que muitos do distrito, e até fora dele, têm de auferir renda nos três dias de comemoração.

Por outro lado, manter viva a tradição de festejar o carro de boi enquanto força de trabalho, ainda hoje utilizado por muitos no distrito é uma forma de resistência de uma prática social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todos os dados coletados e a bibliografia analisada, foi possível fazer uma análise da Festa do carro de boi de Macuco de Minas como prática social inerente de uma cultura popular regional. Tentar entender por que a festa acontece nestes 36 anos era a pergunta que movia este trabalho.

Perceber por este trabalho como esta festa faz um resgate da memória de uma comunidade unida por um instrumento de trabalho de grande importância para seus usuários e fazem questão de expressar este afeto pelo carro de boi foi uma sensação ímpar.

Entender, ou pelo menos tentar, entender uma cultura popular por meio de uma prática social que se repete há tantos anos, traz em seu bojo situações especiais.

A análise dos dados coletados por meio das entrevistas deixaram explícitos que todos os participantes da festa (organizadores em especial) têm um grande afeto por esta memória expressada no carro de boi. O carro de boi é

um símbolo a ser celebrado.

Por outro lado, a análise do que acontece entorno da festa também diz muito. Como a festa tem também ares de grande espetáculo, pelo menos aos olhos dos próprios organizadores quanto dos participantes, percebe-se a influência da cultura de massa.

Assim, são duas forças presentes no mesmo espaço: de um lado a alienação por meio de todo aparato da cultura de massa presente na festa (shows, barracas, etc.); de outro a resistência de uma cultura genuinamente popular onde se celebra um instrumento da força de trabalho que embora quase não exista mais em nosso país, ainda teima em (re)existir nesta comunidade.

Acredito que o tema é muito interessante e que com pesquisas mais profundas poderia agregar mais valor sobre o entendimento de cultura popular e sua importância para preservação de uma tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Romero Ribeiro. Tempos e movimentos: uma breve digressão cultural dos carros de bois no território goiano.

BARROSO, Bruno Godoi. As rodas de viola e a vida: música e cotidiano em Fernandópolis(1960-1970)

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Taurus, 1979.

BOTELHO, ISAURA. Dimensões da cultura: políticas culturais e seus desafios. São Paulo: Edições SESC, 2016.

BOTELHO, ISAURA. Romance de formação: Funarte e Política Cultural. São Paulo: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. BOURDIEU, Pierre. O Senso Prático. Petrópolis: Vozes, 2009

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, (1987). Repensando a pesquisa participante.

CANEDO, Daniele. Cultura é o que? – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: ENECULT, V, 2009, Salvador. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 20/07/2021.

CANDIDO, ANTONIO – Formação da literatura brasileira. São Paulo: USP, 1975.

CHAUÍ, M. Conformismo e resistência aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORRÊA, Rogério. Festas de carros de boi. São Paulo: ICEIB, 2019.

CUCHE, DENYS. A noção de cultura nas ciências sociais. Santa Catarina: Edusc, 2002.

DAMATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Riode Janeiro: Rocco, 1997.

D'IRIBARNE, Philippe. Práticas modernas de gestão inseridas nas culturas do terceiro mundo. Cavitas - Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 327-337, jul./dez. 2003.

DOURADO, Flavia. Memória cultura: o vínculo entre passado, presente e futuro. IEA.USP, 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 20/07/2021.

DUPUIS, Jean-Pierr e. Antropologia, Cultura e Organização: proposta de um modelo construtivista. In: CHANLAT, J. F. (Org.). O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996. v. 3.

DUPUIS, Jean-Pierre. Entre as culturas latinas, anglo-saxã e nórdica: os quebequenses em economia, negócios e administração.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989
GEERTZ, C. O saber local. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOLANDA, S. B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIME, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HORKHEIME, Max; ADORNO, Theodor. Dialética do Esclarecimento. São Paulo: Zahar, 1985.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito Antropológico. São Paulo: Zahar, 2005.

LEAL, Alessandra. Cultura e Memória: percepções das lembranças re-

existentes no tempo. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, v.2, p.350-361, 2º semestre de 2011.

MACHADO, Maria Clara Tomaz, (2006). (Re) significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi – do trabalho ao festar (1950-2000). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.26, p.25-45.

MOTTA, F. P.; CALDAS, M. P. (Org.). *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo:Atlas, 1997.

MUNANGA, Kabengele.Negritude.: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; JUNIOR, Luiz Gonçalves; GARCIA-MONTRONE, Aínda Victoria; JOLY, Ilza Zenker. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais*.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de; MARTINS, Denise Andrade de Freitas; JOLY, Ilza Zenker Leme (2011). *Revista Espaço Intermediário*, São Paulo, ano II, n.IV, p.90-103.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

RODRIGUES, H. *A Formação da intenção em duas culturas: um estudo com o turismo de aventura*. 2007. Dissertação (Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SANTOS, Josiane Soares. Questão Social: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Adriana Carla dos; CRISTINA, Flavia. Práticas culturais e a expressão da questão social no ambiente escolar. Revista Augustus 48, Rio de Janeiro, v.24, p.49-60, jul./out.2019.

TORRES, Claudio Vaz; SOUZA, Eda Castro Lucas de; LUCAS, Cristina Castro. Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados. Revista de Administração FACES Journal, Belo Horizonte, v.10, p. 210-230, abr./jun.2011.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Metodologia de Pesquisa. São Paulo: IESDE, 2009.

VON SIMON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. Campinas, 2006. Disponível em:
< <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.pdf>>. Acesso em 20/07/2021.

WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Unesp, 2007.